

Nossa revista NPS de agosto vem recheada de diferentes temas. Iniciamos com o texto da seção Fronteiras intitulado “O grupo como construção social: os deslocamentos da clínica à comunidade”, de Emerson Fernando Raser. Nas práticas construcionistas, ver o grupo como uma construção social traz uma perspectiva focada na conversação e colaboração entre terapeuta e cliente, com sensibilidade ético-política para intervenções grupais. Este ensaio compartilha experiências em contextos clínicos, institucionais e comunitários, incluindo grupos de curto prazo em saúde mental, uma ONG de aids e grupos da comunidade travesti. As análises mostram a riqueza e utilidade das ferramentas construcionistas, mas também destacam desafios institucionais que limitam as práticas grupais. A transição da clínica para a comunidade leva a reflexões sobre os compromissos dessas práticas com a sociedade.

O segundo texto intitula-se “Entrelaçando os conceitos de Diálogo Aberto, Interseccionalidade e Etnopsiquiatria para atuação em Saúde Mental” de Alessandra Alves Patrício, Denise Maria Custodio Nunes de Araujo, Roberto Ricardi Costard e Rosangela (Lolo) Rahal Polati. Este artigo reflete sobre conceitos do dialogismo bakhtiniano na abordagem do Diálogo Aberto, relacionando-os com interseccionalidade e etnopsiquiatria. Através de exemplos clínicos, destaca preconceitos, estigmas e desigualdades sociais identificadas durante atendimentos em Saúde Mental. Enfatiza a importância de práticas baseadas no Diálogo Aberto para promover inclusão, equidade e valorização de todas as vozes, fortalecendo laços e abrindo novas perspectivas. O trabalho reforça a necessidade de igualdade e justiça social para atendimentos mais inclusivos e culturalmente responsivos, visando o bem-estar e desenvolvimento de todos.

O terceiro texto “Abrindo janelas à brisa pós-moderna: um convite aos relacionamentos conjugais” é de autoria de Thaisline Priscila Day e David Day. Este artigo teórico explora a epistemologia das práticas narrativas, focando nos relacionamentos, especialmente o conjugal, como centro do sistema familiar. Destaca a importância da qualidade dessa relação, considerando conflitos e diferenças como oportunidades para encontros e desencontros. Propõe o uso do diálogo, externalização e reautoria, baseados em uma postura de não-saber, como boas práticas para casais. Referências

a autores importantes da área, além de metáforas originais, são usadas para conectar teoria e prática, tornando os conceitos acessíveis além do ambiente terapêutico.

Na sequência, temos o quarto artigo intitulado “Eles não querem nossos corpos nestes espaços’: Grupo Reflexivo Com Estudantes Lgbt”, de Jessica Esteves, Camila Maffioletti Cavaler e Dipaula Minotto da Silva. Este artigo descreve a experiência de um grupo reflexivo com estudantes LGBT* durante um estágio em psicologia social em uma universidade no Sul de Santa Catarina. Inspirado na metodologia dos grupos reflexivos de gênero, o grupo teve seis encontros abertos, cada um com duração média de uma hora. Os temas abordados incluíram convivência, autoestima, saúde mental da população LGBT*, gênero, diversidade sexual, famílias homotransafetivas, e permanência estudantil e no trabalho. A discussão de questões como LGBTfobia, conflitos familiares e construção de identidade ressaltou a importância de criar espaços seguros e inclusivos no contexto universitário, incentivando futuras iniciativas com esse propósito.

O quinto artigo desta edição leva o título “Um mar de histórias, linguagens e metáforas na intervenção com grupos de apoio ao luto” de Pedro Henrique Haefliger Geremia, Bianca Zola Bahia Marques, Luiz Henrique Nicolau, Gisele Lima Dos Santos e Ivânia Jann Luna. Este artigo aborda a dificuldade da sociedade em criar espaços para acolher os múltiplos sofrimentos do luto, marcado por emoções intensas e difíceis de regular. O objetivo foi relatar o uso da linguagem figurativa e discutir expressões metafóricas de luto co-construídas em grupos de apoio para crianças e adultos enlutados. Cinco expressões metafóricas foram descritas: Balão, Parede de Tijolos Destruída, Mar do Luto, Porão Emocional e Sobreviver na Selva. O uso da linguagem figurativa nas intervenções grupais ajudou na elaboração de emoções difusas, facilitou a imersão das crianças no trabalho grupal e mediou elaborações emocionais e corporais, demonstrando ser um recurso eficaz na integração dos processos de luto.

Em seguida, como sexto artigo, temos “Redes sociais significativas de mulheres com história de abuso de álcool” de Claudia Daiana Borges e Daniela Ribeiro Schneider. O abuso de álcool é um fenômeno complexo com repercussões em várias esferas da vida, incluindo relações sociais. Este estudo focou em mulheres que abusam do álcool, visando compreender as características e funções de suas redes sociais significativas. Realizou-se uma pesquisa qualitativa com 11 mulheres acompanhadas em CAPSad, utilizando entrevistas narrativas e construção de mapas de rede. Os resultados mostraram que as redes sociais dessas mulheres eram formadas principalmente por familiares e profissionais do CAPSad, e apresentavam vínculos limitados e fragilizados. Destaca-se a necessidade de fortalecer os vínculos e funções dessas redes sociais.

Por fim, o último artigo desta edição titula-se “A Transmissão Intergeracional nas Relações Pai e Filhos: Revisão Integrativa da Literatura” de Andriéli de Oliveira Brizola Machado, Tamires Dias dos Santos, Beatriz Pires Coltro e Mauro Luís Vieira. Esta revisão integrativa investigou na literatura as associações entre a transmissão intergeracional e as relações entre pais e filhos em famílias com crianças de três a onze anos. Foram consultadas as bases de dados CINAHL, Index Psicologia, LILACS, BDENF, PsycINFO, PubMed, SciELO, SCOPUS e Web of Science, incluindo 15 estudos na revisão. Observou-se uma predominância na continuidade de relações positivas entre gerações, onde homens com pais envolvidos tendiam a desenvolver uma parentalidade mais calorosa. Também foram identificadas, em menor quantidade, continuidades de relacionamentos distantes e práticas disciplinares físicas. Por outro lado, houve descontinuidade de certos modelos parentais, com o objetivo de evitar a reprodução de relacionamentos parentais conflituosos ou distantes.

Seguindo para as seções, temos em **Conversando com a Mídia**, o convite de Cecília Patricia Mattar e Mathilde Machado para ver o filme “Anatomia De Uma Queda” e refletir sobre mediação familiar. Em **Ecoss**, Leonora Corsini tece suas considerações da leitura do artigo de Paula Paula Ayub, de nossa edição anterior. Em **Estante de Livros**, temos a resenha de Rosana L. Rapizo, do livro recentemente lançado titulado “Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes: desafios atuais na implementação de ações práticas, organizado por Marlene Magnabosco Marra, Liana Fortunato Costa, Silvia Renata Lordello (2024). E por fim em **Família e Comunidade em Foco**, temos um texto de nossa coeditora Helena M. Cruz homenageado Rosa M. S. Macedo, importantíssimo nome da terapia familiar brasileira, que nos deixou este ano e muito contribuiu para a revista NPS nos últimos anos, com relevantes publicações. A equipe NPS deseja uma excelente leitura e segue estimulando que nossos leitores e leitoras enviem artigos para a revista e sigam assinando e divulgando nossas edições impressas e digitais.

Adriano Beiras

Editor Coordenador NPS